

Meeting 2020

De onde nasce a esperança?

O texto integral do diálogo de Bernhard Scholz, presidente do Meeting de Rímini, com Pe. Julián Carrón, guia de CL, durante a edição especial (20 de agosto de 2020)

Bernhard Scholz. Bem-vindos a este encontro com Pe. Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Obrigado, Pe. Carrón, por estar conosco esta noite.

De onde nasce a esperança? Para esta pergunta convergem muitas perguntas que apareceram neste período dramático da nossa história: «O que posso esperar? Qual é a diferença entre esperança e otimismo? De onde nasce a capacidade de esperar?» São perguntas que abordaremos no diálogo desta noite. Começamos com uma que se refere à sua publicação lançada no meio do *lockdown*: *O despertar do humano* (J. Carrón, *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*. Disponível em *clonline.org*, 2020). Como é possível falar de «despertar» num momento cheio de limitações, cheio de restrições que nos forçaram a ficar em casa, a não ir para o trabalho, a não ir para a escola?

Julián Carrón. Eu creio que este momento de que estamos participando seja um exemplo de despertar do humano. No meio de uma situação como esta, quem sonharia poder fazer um Meeting destas dimensões, com cento e vinte praças ao redor do mundo, com uma criatividade dificilmente imaginável? É só um exemplo, mas ilustra que, quando estamos diante de uma crise com uma abertura à provocação que ela representa, podemos ver realizar-se o despertar de uma criatividade e de uma capacidade de envolvimento que surpreenderam a muitos. É um despertar não *apesar* das dificuldades – como às vezes pensamos –, mas justamente *porque* existem as dificuldades, que nos obrigam a encontrar outros caminhos, outras possibilidades, a expressar recursos escondidos, que de outra forma não viriam à tona. Muitas das novidades que vimos neste Meeting – que estamos vendo e que vamos ver – nasceram precisamente graças à provocação dos últimos meses, sem a qual seriam talvez necessários anos para concebê-las e desenvolvê-las. Comecei pelo Meeting porque um exemplo é o jeito mais concreto para responder à sua pergunta. Apesar de tudo, o despertar está acontecendo aqui na nossa frente.

Scholz. Para falarmos da esperança, partimos de uma observação do nosso dia a dia. Não passa um dia, não passa uma hora em que não digamos: «Espero que aconteça esta coisa», «espero que esta outra dê certo», «espero que não aconteça esta outra». Nossa vida é permeada, plasmada, em todo o seu agir e empreender, por um olhar para o futuro: esperamos que ocorra um bem ou que não ocorra um mal. Pergunto: a esperança é de algum modo uma constante da nossa existência?

Carrón. Com certeza. Pavese escreveu isso de maneira indelével para nós: «Alguém nos prometeu alguma coisa? Então, por que esperamos?» (C. Pavese, *O ofício de viver*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988). A genialidade de Pavese – sempre me impressionou – foi perceber como pertencente à estrutura humana, sua e então nossa, de cada um, a espera e a esperança. Elas fazem parte da nossa natureza de seres humanos. Esperamos, aguardamos, porque aguardar, esperar, constitui o nosso ser homens. A questão surge, porém, quando a realidade se faz implacável e desafia esta nossa esperança “natural”, por assim dizer. Quando a circunstância endurece e fica contraditória, é posta à prova a consistência da nossa esperança. «Mas se um acorde dissonante», disse Leopardi, «fere o ouvido / em nada aquele paraíso se transforma num instante» (G. Leopardi, “Sopra il ritratto di una bella donna”, vv. 47-49. In: *Cara beltà*. Milão: Bur, 2010, pp. 96-97).

Scholz. Qual é, nesse sentido, a diferença entre esperança e otimismo?

Carrón. O otimismo é uma disposição psicológica a ver o lado positivo da realidade, a dizer que tudo está bem, mesmo tendo de fechar os olhos. É algo de temperamental e também passageiro: muda o tempo, chega um temporal e tudo acaba. Voltaire, zombando desse otimismo, à pergunta: «O que é otimismo?», no *Cândido* responde: «Ai de nós [...] é a fúria de sustentar que tudo está bem quando se está mal» (F. Voltaire, capítulo XIX. In: *Cândido, ou O otimismo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 83). «O otimismo», diz Bernanos, «é um sucedâneo da esperança» (G. Bernanos, *Pensieri, Parole, Profezie*, organizado por M.A. La Barbera. Milão: Paoline, 1996, p. 68). Por quê? A razão é simples: a ele falta a consistência para poder resistir aos eventos, não tem a possibilidade de resistir ante as contradições. Assim, quando a dificuldade supera as nossas forças e o alcance das nossas tentativas, esse sucedâneo vai para o espaço.

É o que todos nós vimos quando fomos postos contra a parede pela covid: tendo de fazer frente ao perigo ou, no melhor dos casos, tendo de ficar em casa, obrigados a inventar novas formas de viver as situações diárias, ficou claro se a nossa esperança era só um otimismo que passava sem deixar rastros, ou se tinha a capacidade de fazer-nos enfrentar com dignidade a dureza das circunstâncias.

Scholz. Outra experiência que fazemos bastante é que, quando estamos numa situação de dificuldade que não conseguimos resolver, entramos numa espécie de *stand by*, esperando que passe com o tempo. Nesse ínterim, porém, não vivemos, ficamos determinados pela expectativa de que essa dificuldade – uma doença, um incômodo ou outra coisa – passe o mais rápido possível. Mas é possível vivermos com esperança, estando presentes a nós mesmos, também em momentos como estes?

Carrón. Tudo depende do ponto de apoio que temos para viver. De fato, a esperança precisa fundamentar-se numa razão. Quando somos desafiados a ir além do nosso dia a dia, do que já conhecemos, das nossas medidas, das nossas forças, das nossas tentativas, vê-se se temos ou não um ponto de apoio adequado para enfrentar com positividade o que nos acontece. Se falta isso, podemos apenas esperar que a tormenta passe, não conseguimos ficar de pé diante das provocações que a realidade nos apresenta, viramos a cara. E isso não só não resolve, mas agrava as dificuldades. Imaginemos uma pessoa que, durante o tempo em que teve de ficar em casa, tenha vivido com o ânimo de quem só espera que tudo passe! Deve ter sido um belo esforço acordar de manhã e esperar que mais um dia, e mais outro dia, passasse! Desta forma, não só a situação fica ainda mais insuportável, mas perde-se a ocasião para aprender a novidade que cada circunstância, como quer que seja, traz consigo. Para aproveitá-la, só é preciso uma abertura diante do que acontece: de fato, pode acontecer algo ou nascer uma iniciativa, um movimento, que não tínhamos previsto; podemos surpreender-nos em ação de um jeito não pensávamos possível. Quantas vezes nestes meses, permanecendo abertos, não descobrimos coisas insuspeitas ou conhecemos algo de nós e dos outros que nem pensávamos existir! Sempre me espantou, neste sentido, o verso de Montale: «Um imprevisto / é a única esperança» (E. Montale, “Antes da viagem”, vv. 26-27. In: *Revista Colóquio/Letras*. Tradução de poesia, n. 165, set. 2003, p.150).

Scholz. Você falou de «ponto de apoio». Qual pode ser o ponto de apoio que nos permite esperar inclusive quando a realidade não corresponde ao que esperávamos? Como não deixar-nos enganar por falsas esperanças, identificando ao contrário uma esperança que nos faça ser realmente nós mesmos, até em situações que não desejaríamos?

Carrón. Cada um de nós deve olhar para o que nos faz ser realmente nós mesmos. E não podemos entendê-lo abstratamente, mas só medindo-nos com as provocações da vida. É nesse momento, diante de um aperto, que cada um de nós faz o teste do caminho feito. Por isso é essencial o impacto com a realidade. Como dizia Dom Giussani, um indivíduo a quem seja poupado o esforço na vida experimentará menos a vibração de sua

razão, de sua criatividade, de sua capacidade de entender [«Um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão»; L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco, 2017, p. 155]. Já quem foi solicitado de muitas maneiras será mais capaz de perceber a si mesmo e ao que o ajuda a viver.

Descobrir o «ponto de apoio» é um caminho humano, humaníssimo. E implica uma consciência, uma compreensão do que nos acontece. Quem, por exemplo, fez um caminho no meio das dificuldades destes meses, quando voltou ao trabalho, às relações habituais com os demais, terá surpreendido em sua forma de estar no real uma novidade, experimentando um maravilhamento pela existência da realidade e pela relação com os outros que antes não tinha, um jeito diferente de viver o trabalho. Quem não o fez, quem não cuidou do que lhe aconteceu, pouco depois voltou à boa e velha rotina. Disse-me um médico, que tinha ficado admiradíssimo ao ver tantos colegas envolvidos sem reservas no hospital nos momentos mais dramáticos: «Fiquei assustado, porque, depois de poucas semanas do fim da crise, quase não nos cumprimentávamos mais». Como é possível que uma experiência tão intensa não deixe rastros? Depende do caminho que a pessoa fez, da consciência amadurecida do que lhe aconteceu. Se não cuidou do que viveu, passada a crise, volta à estaca zero, sem ter aprendido nada, sem ter descoberto nada que sirva para enfrentar o futuro. É como se a vida passasse sem que crescamos como pessoas, sem aumentar a nossa consistência, incrementar a nossa autoconsciência. Por isso me parece perfeita a frase de Eliot: «Onde está a vida que perdemos vivendo?» (Cf. T. S. Eliot, “Coros de A Rocha”. In: Idem, *Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 175). Podemos perder a vida vivendo ou então ganhá-la. Não a ganhamos porque nos poupamos da relação com a realidade, e não a perdemos porque a realidade nos põe à prova. Ganhamos quando aceitamos a provocação das circunstâncias, qualquer que seja, e somos protagonistas em qualquer situação.

Scholz. O que nos permite ser protagonistas *nesta* situação?

Carrón. Aqui aparece a grande questão, que cada um de nós – repito – deve identificar por conta própria. Eu costumava dar este exemplo aos meus alunos, para mostrar-lhes de onde nasce a esperança. Imaginem que vocês têm uma pessoa querida, muito querida, que sofre de uma doença para a qual ainda não se achou uma cura. Se um dia, assistindo por acaso à televisão ou lendo o jornal, vocês ficam sabendo que em alguma parte do mundo uma pessoa com a mesma doença se curou, mesmo que a pessoa a quem vocês amam ainda esteja doente e não tenha ainda recebido o remédio, vocês passam a encarar o futuro diferentemente, olham para ela diferentemente. A esperança começa a manifestar-se quando ocorre algo no presente que torna possível um olhar diferente em relação ao futuro. Mas isso, além do exemplo que as perguntas dos meus alunos me suscitavam, é o que vemos acontecer constantemente. Em *O brilho dos olhos* (J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?* Encarte de *Passos-Litterae Comunione*, n. 227, ago. 2020), eu citei a carta de uma pessoa que aos cinquenta anos já não esperava nada de novo na vida: certo dia, no ambiente escolar de seus filhos, conheceu um pai como ele a quem, porém, brilhavam os olhos, em quem a vida vibrava com uma intensidade que já não via em si; começou a encontrá-lo, a segui-lo, observando como vivia, até que aquele olhar também se tornou seu.

A esperança nasce quando vemos acontecer no presente algo que escancara o olhar. Achávamos que a partida estivesse encerrada, que já não houvesse nada para esperar, mas tudo recomeça. Aí mesmo, não em outro lugar, não depois, não antes, não na nossa imaginação, mas aí, na situação que vivemos, acontece algo que faz a esperança renascer, que abre o futuro da vida para algo diferente. Por isso Dom Giussani dizia, com uma frase sintética: «A esperança é uma certeza no futuro em virtude de uma realidade presente» (L. Giussani, *Cartaz de Páscoa de 1996 de Comunhão e Libertação*). Pode ser que nada mude imediatamente, mas o importante é ver pessoas que enfrentam uma situação análoga à nossa com uma novidade: «Se se tornar meu o que eles vivem, eu também vou conseguir olhar e enfrentar as adversidade e as dificuldades da vida com uma esperança nos olhos».

Scholz. Mas a presença de que você fala é uma presença qualquer ou uma presença específica?

Carrón. Não é uma presença qualquer. Porque uma presença qualquer não é capaz de fundamentar a esperança, de fazer-nos andar de cabeça erguida perante todos os desafios da realidade. Quando a provação é mais forte – pensemos na doença ou na última morada, a morte, ou no cotidiano «que quebra as pernas» (C. Pavese, *Diálogos com Leucó*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, p. 206), que às vezes é o aspecto mais pesado da vida –, a questão é que tipo de evento deve ter-nos acontecido, qual presença deve ter entrado na nossa vida, para podermos enfrentar essa provação com esperança. Cada um deve perguntar-se: «Será que eu encontrei uma presença assim?» Os discípulos haviam deparado com uma presença – Jesus de Nazaré – em virtude da qual, quando estavam na vida normal ou no meio da tormenta, não esperavam simplesmente que passasse, trocando bons conselhos entre si, mas conseguiam enfrentar tudo, até a tormenta, de maneira diferente, mais verdadeira, mais humana. Eles viram a postura de Jesus perante a doença, a morte, as dificuldades, as contradições. Viram-No acabar mal e puseram-No no sepulcro. Mas depois O viram vivo, ressuscitado. Quem tinha aquela Presença no olhar não podia deixar de dizer – como São Paulo –: «Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus» (Rm 8,38-39).

Eu dizia a meus alunos – com os quais aprendi muitíssimo, porque eram um estímulo constante a dar-me razão das coisas –: «Você acha que sua mãe o ama?» «Claro.» «Tem certeza?» «Certeza absoluta.» «Então, se tem tanta certeza, pode achar que haja algum momento, devido a algo que acontece na vida, em que a sua mãe pudesse deixar de amá-lo?» «Não, absolutamente não!», diziam-me. Por quê? Onde estava baseada aquela certeza sobre o futuro? Num presente, numa experiência presente. Graças à experiência de convivência que tinham tido com ela, não podiam sequer imaginar que pudesse diminuir o amor dela por eles. A simplicidade da experiência desse relacionamento, que é de todo mundo, é idêntica à que viveram os discípulos com aquela presença excepcional. Com uma diferença: a mãe não pode livrar-me da morte ou da doença, pode apenas acompanhar-me, enquanto os discípulos depararam com uma Presença que introduziu na história uma esperança que, diz São Paulo, não decepciona. Esta é, de fato, a fórmula de São Paulo: «A esperança não decepciona» (Rm 5,5), em qualquer situação em que a pessoa venha a estar.

Isto diz, então, que o problema da nossa esperança é a nossa fé. Em relação à presença de Cristo que encontramos, será que temos a mesma certeza que uma criança tem na presença de sua mãe? Será que temos uma certeza de Sua presença tão humana, tão verdadeira, tão enraizada nas entranhas do nosso eu, que em Sua companhia podemos olhar com esperança para qualquer coisa que nos aconteça? Será que temos, então, a certeza de que, haja o que houver, ninguém poderá separar-nos dessa Presença?

Se não houver uma Presença que me ame tanto que, independentemente do que eu faça, independentemente do que aconteça, eu consigo olhar para o futuro com positividade indestrutível, graças à certeza dessa Presença, graças à experiência vivida na relação com ela, a esperança acaba por reduzir-se a uma palavra vazia. Podemos revirá-la como quisermos, mas se não houver uma Presença histórica, de um Homem que ressuscitou da morte e, por isso, está realmente presente e contemporâneo à nossa vida, a esperança sempre haverá de ter uma data de validade.

Cristo, Deus feito homem, morto e ressuscitado, presente aqui e agora numa realidade humana, é a origem da nossa esperança. E Cristo é encontrado hoje. Como ocorreu com nosso amigo Mikel Azurmendi – testemunhou-nos isso no vídeo que vimos há dois dias –: ele O identificou em pessoas de carne e osso, primeiramente quando escutou um jornalista na rádio, enquanto estava em graves condições no hospital, e notou uma diversidade em seu jeito de falar dos acontecimentos, e depois quando encontrou outra pessoa que olhou para ele de maneira incomparavelmente humana, e depois outra e outra ainda, e constatou que todas essas pessoas tinham um modo de estar no real tão humano que o atraía, o enchia de admiração, o desafiava profundamente (Cf. M. Azurmendi, *L'Abbraccio. Verso una cultura dell'incontro*. Milão: Bur, 2020). Num

determinado momento, deu-se conta de que todas eram geradas pelo mesmo encontro, reconheciam a mesma Presença. Assim descobriu que Cristo – a Presença de que nós, cristãos, falamos – é real, ressuscitou, isto é, continua estando presente na história por meio da diversidade humana com que ele deparou. Cristo moveu alguém como ele, que havia cinquenta ou sessenta anos perdera a relação com a fé, permitindo-lhe redescobrir a vida em toda a sua intensidade. Vendo essas coisas, não dá para não ficar marcado com o fato de continuar acontecendo no presente a mesma história que começou há dois mil anos.

Scholz. Então a capacidade de estar dentro e diante de qualquer situação é a prova de que se tem uma esperança que não decepciona. Vivendo o confronto com as circunstâncias, mesmo difíceis, essa esperança se reforça, se confirma?

Carrón. Com certeza! Porque quanto mais alguém se vê diante das dificuldades, mais põe à prova – ou seja, verifica – a consistência dessa esperança. Poderiam dizer: «Essas questões são abstratas». Não. E por que não? Porque – primeira questão – aquilo com que depararam Mikel Azurmendi e o amigo que com cinquenta anos achava que não poderia esperar senão que a vida escorresse, são pessoas de carne e osso, que se encontram no mundo, dentro da vida, e que contestam o nosso ceticismo, a nossa medida, a nossa resignação. Só algo real e presente é que pode devolver a esperança, e não uma ideia ou uma abstração. Nada disso adianta. Nós o vimos em relação ao medo do Coronavírus bem como em outras situações. Para fazer a esperança renascer, é preciso uma realidade carnal, histórica, com cuja existência nos admiramos. Trata-se de presenças em que vemos encarnado um sentido adequado para a vida, uma promessa. Como dizia Bento XVI, os conceitos mais importantes da vida tornaram-se carne e sangue [«A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo»]; Bento XVI, *Deus caritas est*, 12]. Isto é, precisamos não de valores abstratos, mas de pessoas que vivem, elas mesmas em primeiro lugar, uma esperança de um modo que nos fascina e desafia. Portanto, nenhuma abstração, mas algo real, que – segunda questão – produz na história um sujeito novo. Pessoas como as descritas por Azurmendi ou pelo amigo de cinquenta anos, se realmente as seguimos, se nos pomos com simplicidade a segui-las, como os discípulos se puseram a seguir Jesus, são instrumentos de geração de um tipo de sujeito capaz de resistir aos impactos da realidade; não porque sejam heróis – como muitas vezes achamos, reduzindo o cristianismo a um moralismo –, mas porque por sua vez foram e são geradas pelo mesmo acontecimento, pela mesma Presença, por meio de outros encontros, outras pessoas. A relação com Cristo vivo, presente aqui e agora, gera um sujeito novo na história, que caminha com esperança: quem O encontra e por Ele se deixa agarrar vive, diz São Paulo, como um homem «ereto», presente a si mesmo, que não se retira do real. Enfrentar o real, como quer que ele se mostre, representa para ele antes uma possibilidade de verificação da consistência dessa esperança.

Para mim, o momento do confinamento foi uma ocasião maravilhosa para perguntar-me: «Aquilo que eu vivo, aquilo em que acredito, aquilo a que confiei minha esperança tem a consistência para fazer com que eu enfrente esta circunstância?» Todo mundo deve fazer-se essa pergunta, senão será difícil aguentar diante de qualquer situação que ultrapasse a nossa medida. É aqui que se revela decisiva a contribuição que nós, cristãos, podemos dar na sociedade de hoje. Muitos se espantam por termos feito o Meeting este ano. É o primeiro gesto público depois do *lockdown*, e muitos achavam que não ia ser possível. Como pôde ser feito? Porque há pessoas que não se rendem diante das dificuldades, não recolhem as redes ao barco com medo, percebendo a provocação que vem da realidade. O Meeting existe graças à esperança que nos caracteriza: não por mérito nosso, que fique claro, mas pela graça que nos aconteceu e que desejamos comunicar a todos.

Scholz. Queria aprofundar por um instante o fato de a esperança dar-se sempre num contexto histórico. Nas discussões públicas, normalmente se fala, até em comparação com a situação de hoje, do Pós-Guerra. Se formos ver o que aconteceu naquele momento, vemos que cada energia que uma pessoa gastava trabalhando ou intelectualmente melhorava a situação. Havia um crescimento contínuo, sustentado também pelo

progresso tecnológico. A esperança coincidia quase com algo automático, ao menos no que diz respeito às circunstâncias materiais da vida. Depois, em 2008-2011, ocorreu pela primeira vez um *break*. Já não havia um crescimento contínuo, mas tínhamos de lidar com o fato de que a nossa situação podia piorar, de que o padrão de vida conquistado não estava garantido, de que talvez nossos filhos pudessem ter um futuro não necessariamente melhor que o nosso, e talvez até pior. E aí mudou – digamos – a forma de encarar até a espera de que falamos no início. Então ou a esperança ficava mais consistente ou acabava no conformismo. Aliás, outro dia eu li um artigo que, olhando para a última década, fala de uma «epidemia de desespero» (*Ilsole24ore.com*, 16 de agosto de 2020), de um aumento de depressão não por motivos patológicos, mas justamente como sinal de uma mentalidade que eu chamaria de resignada. Por isso, pergunto-lhe: como é que o contexto histórico em que vivemos incide na nossa esperança, no modo de conceber a esperança, especialmente neste momento de pandemia? De fato não vivemos isolados, mas num contexto sociocultural que incide também na maneira com que nós concebemos a nós mesmos dentro do mundo.

Carrón. Eu penso que esses fatos – a crise econômica e agora a pandemia – tenham posto à prova a nossa concepção da esperança e, principalmente, a experiência da confiança. Ocorreu um *break* – como você disse – em relação à confiança que nutríamos num progresso contínuo, quase mecânico, em âmbito econômico, sanitário, etc. Nós vimos que não é verdade. Sempre me impressiona uma frase de Bento XVI, segundo o qual nós achamos que todo progresso seja cumulativo. Sendo que isso só vale para certas realidades, digamos mecânico-científicas, mas em tudo o que tem que ver com a vida humana sempre é necessário um novo início [«Um progresso por adição só é possível no campo material. [...] Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve continuamente tomar as suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas para nós por outros – neste caso, de fato, deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração, seja um novo início»; Bento XVI, *Spe salvi*, 24]. Nós o vimos: assim que a confiança periga, as famílias começam a economizar, deixa-se de investir, tem-se medo do futuro, pensa-se só em como enfrentar a situação mais imediata. Então, quando isso começa a acontecer, como saímos disso? O que você diz do desespero é um risco sempre à espreita, pois uma vez que a confiança fica comprometida, não é que no dia seguinte dê para virar a página, como se não fosse nada. Reconquistar a confiança, quando se introduziram a suspeita e a desconfiança, e repará-la não é imediato. Por isso realmente é posto à prova o tipo de esperança que temos, ou seja, se temos um ponto de apoio para a nossa vida que não nos deixe à mercê de uma ou de outra crise. Podemos renascer das cinzas, em qualquer situação em que estejamos, só se tivermos a consistência em algo mais forte do que todas as crises. Senão fica difícil uma retomada autêntica. O que estamos vivendo aqui juntos, nestes dias, é um exemplo – visível – de como é possível recomeçar. Mas na Itália e no mundo poderão aparecer muitas outras novas iniciativas, testemunhos de criatividade, que nos resgatem da situação em que estamos. Fiquemos, então, de olhos abertos.

A questão é só a nossa consistência. Nossos avós foram mais provados do que nós, por guerras e situações econômicas dramáticas, mas tinham uma consistência que muitas vezes nem sonhamos. Não o digo para olhar o passado, mas para sublinhar o alcance que essa questão tem em relação aos filhos. Só se tivermos uma esperança para comunicar é que podemos não inocular o medo no sangue deles. Muitas vezes injetamos neles todas as nossas preocupações, em vez de acompanhá-los para se darem conta de seus recursos, de suas possibilidades. Aqui se joga a partida do futuro, como disse Mario Draghi ao inaugurar o Meeting. Se os jovens encontrarem pessoas que os acompanhem no enfrentamento da realidade com uma hipótese de significado em vez de inocularem neles o medo, poderão crescer e construir, atravessar as situações que se apresentarem. Mas precisarão ter presenças significativas de adultos, que testemunhem que sempre é possível não só não recuarem ante o real, mas construírem, mesmo em situações imprevisíveis e cheias de obstáculos.

Scholz. Vamos aprofundar esse aspecto, que julgo ser decisivo neste momento. Diante de um futuro muitas

vezes incerto, como se deve olhar para os filhos?

Carrón. Penso que haja duas formas com que os pais possam entrar em relação com os filhos ou os educadores com os alunos. Por um lado, há quem tente poupá-los da relação com o real, achando que assim os defendem dos imprevistos, das dificuldades, de todas as coisas vistas como ameaça. É como se o mundo fosse interpretado como uma grande ameaça da qual o adulto deve proteger os filhos. Desta forma, mesmo inconscientemente, ele comunica uma desconfiança. Por outro lado, há pessoas – famílias, educadores – que, em vez de inocular o medo no sangue dos jovens e poupá-los do impacto com a realidade, os introduz nela, pouco a pouco, convidando-os a arriscar diante das dificuldades e oferecendo – primeiramente com a maneira de viver – uma sugestão, uma hipótese, uma iniciativa a tomar. O jovem vê pessoas que diante das dificuldades não se rendem.

Isto, hoje, é absolutamente imprescindível: testemunhar aos jovens – que, muitas vezes, sendo jovens, podem assustar-se – uma possibilidade de relação positiva com problemas, circunstâncias e contradições, mostrando, como adultos, que é possível olhar para o futuro com uma esperança fundamentada, não dominados pelo medo, não determinados pelas dificuldades que sempre existem. Comunicar isso – penso nos professores – é fundamental também para aprofundar os conhecimentos. Para devolver aos jovens o entusiasmo necessário para conhecerem, de fato é preciso comunicar, através do jeito com que se dão as aulas, a esperança da qual se vive, uma confiança, que lhes permitirá lançar mão de todos os recursos de que dispõem, com uma criatividade que surpreenderá também a nós. Quanto mais você solicita um jovem a tomar posição e estima suas possibilidades, mais o seu valor aparecerá para espanto nosso e dele. Muitas vezes, ouvindo-os falar, digo a mim mesmo: «Se esses rapazes se dessem conta da grandeza do que dizem, seria uma maravilha para eles!» Às vezes nem se dão conta, e a nossa capacidade educacional reside em conscientizá-los de tudo o que está contido na experiência deles, de tudo o que dizem, de modo que consigam descobrir os pontos de apoio que sustentam o caminho da vida, que permitem não se renderem, que possibilitam um olhar para o futuro cheio de esperança. Este é o caminho educativo.

Scholz. E quem sabe alguns jovens poderiam educar até a nós mesmos com essa imediatez.

Carrón. Com certeza! Eu aprendo muito com eles. Frequentemente nos ultrapassam à direita e à esquerda pela característica falta de filtros na relação com a realidade. Às vezes – como mencionei – nem se dão conta do alcance daquilo que dizem, e eu fico repetindo por anos o que ouvi e aprendi com eles, enquanto eles talvez já tenham até se esquecido. O problema é que, para poder conservar algo na memória, para guardar no coração o que acontece, é preciso dar-se conta do significado que tem para a vida.

Scholz. Historicamente, principalmente na modernidade, o cristianismo foi muito acusado de desviar a atenção da vida terrena, dos problemas reais, e de consolar as pessoas com o além. Isso impediria a dedicação na busca por uma maior justiça social, impediria plasmar o mundo para torná-lo uma habitação melhor para o ser humano. O cristianismo, enfim, como dizia Marx seria «o ópio do povo», que nos distrai do compromisso com a realidade. Hoje, decerto, essa acusação já não é tão presente, mas – pergunto – não há o risco de que a gente viva a esperança cristã nivelada por baixo, ou seja, que se retire, que crie um mundo reconciliado – talvez com um padrão de vida pior do que antes, mas substancialmente fechando-nos dentro de um círculo onde ficamos mais ou menos bem –, ao passo que a esperança que você descreveu é uma esperança que leva ao empenho, ao risco, a criar, a plasmar a realidade? Onde está a diferença entre esses dois tipos de esperança?

Carrón. No tipo de cristianismo que a pessoa vive! Há um cristianismo que não é capaz de despertar o homem que encontra, e então o remete para o além porque tem medo do aquém. E há um cristianismo que desperta todo o humano, toda a capacidade de um homem, toda a sua energia, toda a sua criatividade, toda a

sua inteligência, toda a sua liberdade, de modo que o homem tem o desejo de pôr a mão na massa. Bem diferente de fugir para o além! Um cristianismo que nos distrai da realidade é o contrário do cristianismo autêntico.

A questão é que muitas vezes podemos correr o risco de viver a fé de um jeito diferente do introduzido por Jesus na história. No início, todos se admiravam não com alguém que recuava, mas com alguém que se posicionava diferentemente em relação a tudo. Tanto é verdade que diziam: «Ninguém jamais falou como este homem, ninguém jamais agiu como este homem, jamais vimos alguém igual a Ele!» Ele não pensava no além como que esperando que tudo acabasse; estava tão comprometido em qualquer encontro que fazia, em qualquer situação em que estava, em qualquer circunstância que O provocasse, e era tão correspondente ao coração a forma como olhava e tratava pessoas e coisas, que todos ficavam admirados: «Jamais vimos coisa igual!» (Mc 2,12). Este é o cristianismo quando é cristianismo; e se não for isso não é cristianismo, não é o cristianismo que o Evangelho nos legou. «Quem me segue receberá o cêntuplo nesta vida» (Cf. Mt 19,29), dizia Jesus, ou seja, quem o segue começa a experimentar nesta vida – nesta vida! – o cêntuplo de tudo: uma capacidade de criatividade, de energia, uma capacidade de amar, uma capacidade de entrega de si, uma capacidade de andar no meio das dificuldades, de retomar após qualquer derrota, que normalmente é impossível. O humano, cem vezes mais!

Não sei quais cristãos aqueles que fizeram uma acusação desse tipo ao cristianismo encontraram. Mas é uma responsabilidade que nós também temos, porque, se não testemunhamos que o cristianismo não é uma superestrutura que se justapõe à vida do homem desde fora, mas um acontecimento que salva e realiza o homem em sua estrutura elementar – isto é, em sua espera, em sua sede de significado e de realização –, será difícil que hoje o cristianismo ainda interesse a alguém. Já um cristianismo que é capaz de despertar o humano inteiro, de tornar cada vez mais atraente o pôr a mão na massa, pelo qual a pessoa não vê a hora de envolver-se – porque a vida é bela quando nos consumimos pelo bem dos outros, pelo bem de tudo –, isso sim que interessa! Só a presença de pessoas que revelam tal intensidade de vida é que torna evidente a contribuição que o cristianismo pode dar ao homem de hoje. Nossa esperança é uma certeza que nos permite olhar para o futuro sem fugirmos para o além: a presença de Cristo permite enfrentar qualquer futuro, desafiador ou não, com uma certeza nos olhos. É precisamente por aquilo que vemos acontecer no presente que podemos esperar também no além.

Scholz. Retomemos mais uma vez, no fim, a pergunta inicial: de onde nasce a experiência da esperança? É uma coisa que nós temos de fazer ou é um dom que recebemos?

Carrón. É um dom que recebemos. Como disse Montale, «um imprevisto [um dom] / é a única esperança». Mas é um dom que só podemos receber ao cruzarmos com alguém, não cai do céu. É um dom que pode ser visto, como o viram João e André, que o receberam ao encontrar um homem; ou Mikel Azurmendi, que o identificou ao ouvir na rádio um jornalista que falava diferente; ou um estudante, que pode ser investido por esse dom ao ver um professor que se envolve com ele de determinada maneira; ou uma pessoa doente, que o descobre ao ver um médico que tem com ela uma implicação diferente. Somente presenças nas quais se enxerga “algo diferente”, que aconteceu na vida delas e que as gerou, são – haja o que houver – fator de esperança para nós; mas apenas se estivermos disponíveis a nos deixarmos impressionar e atrair por elas, pelo que nelas corresponde ao nosso desejo de realização. Nós fomos feitos para essa realização, não para reduzir nossa fome e nossa sede de plenitude.

Quem, por meio do encontro com uma determinada realidade humana, encontrou Aquilo que constantemente o desperta e, porque precisa disso para viver, procura a convivência com certas presenças que o põem nos eixos, está em caminho de verdade: é um homem que caminha – como eu disse antes – ereto, reto, atravessando qualquer circunstância.

Scholz. Penso que esta noite tenha sido um presente que reforçou, intensificou a nossa esperança num

momento altamente dramático que, sem esta esperança, poderia correr o risco de tornar-se trágico. Vivido com a esperança que Pe. Julián Carrón nos testemunhou, pode virar um momento fecundo, criativo, que nos permite aproveitar a oportunidade que esta mudança de época, tão acelerada pela pandemia, representa. Se o olharmos com «o brilho nos olhos», como diz o título de seu último livro, recém-publicado, este momento se revela como uma insuspeita possibilidade.

Muito obrigado, Pe. Carrón!

Carrón. Obrigado!!

(anotações revistas pelos autores)